

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS

EDINARA JAINE FEITOSA DE SOUSA

**A INTERTEXTUALIDADE COMO FATOR DE COERÊNCIA EM PRODUÇÕES
TEXTUAIS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVAS**

PICOS – PI

2016

EDINARA JAINE FEITOSA DE SOUSA

**A INTERTEXTUALIDADE COMO FATOR DE COERÊNCIA EM PRODUÇÕES
TEXTUAIS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVAS**

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura Plena em Letras - Português da
Universidade Federal do Piauí- UFPI,
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros -
CSHNB.

Prof.^a orientadora: Luciana Maria de Aquino

PICOS – PI

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

S725i Sousa, Edinara Jaine Feitosa de.

A intertextualidade como fator de coerência em produções textuais dissertativo-argumentativas / Edinara Jaine Feitosa de Sousa.– 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¼ pol. (51 f.)

Monografia (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador(A): Prof.^a Ma. Luciana Maria de Aquino.

1. Coerência Textual. 2. Intertextualidade. 3. Texto Dissertativo Argumentativo. I. Título.

CDD 410



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às 11h15 horas do dia 08 de março do ano de dois mil e dezesseis, na sala 824, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos - PI, sob a presidência do Prof. Luciana Maria de Aquino, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria do aluno Edinara Jarne Feitosa de Sousa, do curso de Letras desta Universidade com o título, A intertextualidade como fator de coerência. A Banca Examinadora ficou assim constituída: Prof. Luciana Maria de Aquino (orientador - presidente), Prof. Luiz Egito de Sousa Barros (1º examinador) e Prof. Fernanda Martins Luz (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções. Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: sete pontos quatro (EXTENSO); sete pontos seis (EXTENSO) e sete pontos seis (EXTENSO). Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral sete e meio (EXTENSO). E para constar, eu, Luciana Maria de Aquino lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 08 de março de 2016.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Luciana Maria de Aquino
Presidente

Luiz Egito de Sousa Barros
1º examinador

Fernanda Martins Luz
2º examinador

Dedico este trabalho a meu filho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me guiar em todos os momentos, principalmente como este que é tão decisivo em minha vida.

Agradeço a minha mãe, meu pai, irmãos e demais familiares.

Meu marido pelo apoio.

Agradeço a minha orientadora por me acompanhar em todas as etapas de construção deste trabalho de conclusão de curso.

Deixo demais agradecimentos a meus amigos, colegas e a todos que contribuíram direta e indiretamente para a constituição deste trabalho e que me encorajaram para seguir em frente.

“Grande é aquele que se faz humilde e sensato em todas as situações e adversidades da vida para se tornar realmente digno de suas conquistas” (Charlie Chaplin).

Esta monografia tem como objetivo geral analisar a intertextualidade como fator de coerência em produções textuais dissertativo-argumentativas de estudantes do 3º ano do ensino médio da Unidade Escolar Miguel Lidião na cidade de Picos-PI. Assim, além de refletir acerca do conceito de coerência textual e discorrer sobre a intertextualidade como fator construtivo da coerência textual, também buscamos nesse estudo identificar o tipo de intertextualidade mais recorrente nas produções dissertativo-argumentativas dos alunos do terceiro ano do ensino médio da referida escola. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de que se alcançasse o embasamento teórico necessário para a realização desse trabalho e uma pesquisa de campo. Os principais teóricos que nortearam a realização dessa pesquisa foram: Koch e Elias, (2014), Travaglia (2009), Rodrigues (2015), Francês (2015), Corrêa e Luft (2000), dentre outros. Ao término, foi possível concluir que a intertextualidade é utilizada, nas redações dissertativo-argumentativas, aqui analisadas, como fator de coerência textual. Porém, destaca-se que esta intertextualidade não é plenamente encontrada em todas as partes do texto, mas em partes avulsas como nos títulos e em alguns parágrafos que quando complementados com o pensamento fidedigno dos autores constroem a coerência necessária para que o leitor tenha aceitabilidade do texto. Acredita-se que esta monografia pode contribuir para a compreensão e utilização da intertextualidade como fator de coerência em redações dissertativo-argumentativas que, são, atualmente, as mais requisitadas na sociedade para se conseguir emprego, ser aprovado em concursos públicos e etc.

Palavras-chave: Coerência Textual. Intertextualidade. Texto dissertativo-argumentativo.

ABSTRACT

This paper has as main objective to analyze the intertextuality as consistency factor in dissertative-argumentative textual productions of students of the 3rd year of high school of School Unit Miguel Lidiano in the city of Picos-PI. So in addition to reflecting on the concept of textual coherence and discuss intertextuality as a constructive factor of textual consistency also sought in this study to identify the most recurrent type of intertextuality in dissertative-argumentative productions of the students of third year high of that school teaching . To this end, a literature search so that it reached the theoretical foundation necessary to carry out this work and field research was carried out. The main theorists who guided the realization of this research were: Koch and Elias (2014), Travaglia (2009), Rodrigues (2015), French (2015), Correa and Luft (2000), among others. At the end, it concluded that intertextuality is used in dissertative-argumentative essays, analyzed here, as textual coherence factor. However, it is emphasized that this intertextuality is not fully found in all parts of the text, but in separate parts as in the titles and in a few paragraphs that when complemented with the trustworthy thought of the authors build the necessary coherence so that the reader has acceptability text. It is believed that this monograph can contribute to the understanding and use of intertextuality as consistency factor in dissertative-argumentative essays that are currently the most sought after in society to get a job, be approved in public contests and etc.

Keywords: Textual Coherence. Intertextuality. Dissertative - argumentative text

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O TEXTO	11
2.1 Conceituando texto	11
2.2 Fatores de textualidade	13
3 O SENTIDO DO TEXTO	16
3.1 Coesão e coerência	16
3.2 Fatores de coerência	21
4 INTERTEXTUALIDADE	24
4.1 O que é intertextualidade.....	24
4.2 Formas de intertextualidade	26
5 GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR	28
5.1 Contexto e caracterização.....	28
5.2 O texto dissertativo-argumentativo	31
6 METODOLOGIA	34
6.1 Caracterização da pesquisa	34
6.3 Sujeitos da pesquisa	35
6.4 Procedimentos da pesquisa	35
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	36
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	50

1 INTRODUÇÃO

A intertextualidade como fator de coerência em produções textuais dissertativo-argumentativas é a temática central desta monografia que visa através do seguinte objetivo geral analisar a intertextualidade como fator de coerência expressa em produções textuais dissertativo-argumentativas de alunos do terceiro ano do ensino médio.

Sendo assim, para ajudar a constituir os meandros deste estudo há, também, alguns objetivos específicos: Refletir acerca do conceito de coerência textual; Discorrer sobre a intertextualidade como fator construtivo da coerência textual e Identificar o tipo de intertextualidade mais recorrente nas produções dissertativo-argumentativas dos alunos do terceiro ano do ensino médio.

Diante disso, o problema de pesquisa que norteia esta monografia refere-se à seguinte indagação: Como a intertextualidade é trabalhada, pelos alunos do terceiro ano do ensino médio, nas produções dissertativo-argumentativas, com vistas ao estabelecimento da coerência textual nas produções dissertativo-argumentativas? e para concretizar a resposta da problematização e conseguir alcançar os objetivos, aqui, propostos foi preciso se apropriar do método qualitativo de investigação científica alicerçado pela pesquisa explicativa utilizada na análise qualitativa do *corpus* em forma de estudo de caso.

Ao todo, a análise e discussão de dados, desta monografia, conta com a apreciação de quatro textos dissertativos-argumentativos, em forma de redação, de alunos do 3º ano do Ensino Médio da Unidade Escolar Mário Martins, localizada na cidade de Picos-PI, que foi escolhida para ser o objetivo de estudo deste trabalho de conclusão de curso, por ser uma instituição de ensino que comporta estudantes com notoriedade singular, no município, na produção de tais textos. A notoriedade se deve ao fato dos estudantes de tais escolas já terem vencidos concursos de redação na supracitada instituição de ensino e em concursos avulsos na cidade de Picos-PI.

Além disso, é importante explicar que este estudo está dividido em quatro capítulos teóricos. O primeiro deles é chamado de “O texto” e possui duas seções: “Conceituando texto” e “Fatores de textualidade” nele é exposto algumas definições sobre texto, entretanto a base norteadora é o pensamento de Koch e Fávero (2009)

e os elementos essenciais para estabelecer a textualidade é elucidado, aqui, por base das assertivas de Koch e Elias (2014).

O segundo capítulo: “O sentido do texto” e suas subdivisões “Coesão e Coerência” e “Fatores de coerência” baseia-se fortemente nos estudos de Koch (2010) e Koch e Travaglia (2009) com abordagem mais incisiva para a Coerência que é, de fato, o assunto central desta pesquisa. Já a terceira parte teórica desta monografia: “Intertextualidade” e os tópicos “O que é intertextualidade” e “Formas de intertextualidade” aborda-se, primeiramente, a conceituação desse importante fator de coerência textual por parte de Koch (2007; 2010) e Koch e Travaglia (2009) que além de definir apresenta os dois tipos que a constituem: explícita e implícita.

Por fim, no quarto e último capítulo de cunho teórico “Gênero Redação Escolar” explicou-se, esmiuçadamente, através de duas seções: “Contexto e caracterização” e “O texto dissertativo-argumentativo”. Para tanto aqui, apropria-se das considerações de Rodrigues (2015), Francês (2015), Corrêa e Luft (2000) e Citelli (1994) e tantos outros¹.

Sendo assim, cabe elucidar que estudar e pesquisar a intertextualidade e a coerência representa, primeiramente, uma satisfação pessoal que transita entre a vontade de pôr em prática o saber aprendido na universidade e contentamento de estar trabalhando com uma temática tão agradável e surpreendente como a intertextualidade.

Nesse sentido, então, pode-se enfatizar que a constituição deste trabalho torna-se importante tanto para a comunidade acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras-Português quanto para a comunidade. Pois, para os universitários esta monografia passará a fazer parte do banco de dados dos trabalhos de conclusão servindo de fonte de informação para os interessados no assunto. Já para a comunidade, este estudo representa o reflexo da análise do desempenho cognitivo observados nas produções textuais dissertativo-argumentativos de uma das escolas públicas estaduais mais requeridas da cidade de Picos-PI como é o caso da instituição Miguel Lidiano. Por tudo isso, espera-se que esta monografia traga considerações relevantes acerca da intertextualidade como fator de coerência.

¹ Os autores citados como base para a constituição dos quatro capítulos teóricos, desta monografia, correspondem ser os mais utilizados. Porém, explica-se que outras referências, também, serão utilizadas para enriquecer o estudo.

2 O TEXTO

Este capítulo aborda um breve percurso histórico acerca da conceituação de texto procurando demonstrar a complexidade existente para delimitação de tal conceito. Também tratamos nessa seção da noção de textualidade bem como dos fatores que a constituem.

2.1 Conceituando texto

Definir texto não é uma tarefa fácil e tal conclusão é uma máxima presente no saber intelectual dos linguistas, gramáticos e até mesmo de qualquer outro estudioso ou profissional que seja desafiado a conceituá-lo. Essa atividade é difícil porque há inúmeras, elucidações alusivas à definição textual, mas, não há, de fato, uma explicação genérica. Assim, dizer que texto é um conjunto de frases concatenadas com um propósito específico é uma significação válida, embora seja simples.

De acordo com Bonifácio e Maciel (2012) o problema na conceituação textual vem longe e está imbricado com a evolução da Linguística como Ciência, na sociedade. É sabido que a Linguística Textual passou por fases distintas: Transfrástica, Gramáticas textuais e Elaboração de uma teoria de texto e, em cada um, desses períodos foi acrescentado uma denominação diferente para o texto.

Na Transfrástica, as frases eram consideradas textos desde que nelas houvesse coerência. Entretanto, tal argumento não se sustentou por muitos anos porque estudos revelaram que a coerência, sozinha, nas frases não representa e nem é suficiente para manter a textualidade em um enunciado.

Já no período das Gramáticas textuais, o texto foi considerado como um enunciado que para ser estabelecido necessita de sentido lógico e, principalmente, semântico. Aqui, o texto era estudado e construído com forte apelo gramatical e passou a ter uma conceituação mais ampla que vai além da co-referenciação tão requerida nos textos da Transfrástica. Além disso, foi a partir dessa fase que o texto passou a ser o real objeto de estudo da Linguística Textual, entretanto, o texto ao

ser referenciado, apenas, como função gramatical ficava restrito, apenas, aos que possuíam o domínio da gramática escrita.

Na sequência a terceira e atual fase da Linguística textual chamada de “Teoria do texto” ou “Elaboração de uma teoria de texto” os estudiosos perceberam que um enunciado para ser considerado texto deve estar permeado de elementos de textualidade² que envolvam sentido e semântica. A partir de então surgiu os conceitos modernos de texto e sobre tal fato Pimentel (2007, p. 15-16) explica:

Apresentar uma definição teórica de texto constitui uma tarefa complexa, uma vez que se conhecem várias propostas de definição, enquanto por outro lado se verifica a existência de uma concepção pré-teórica de texto, que qualquer falante tem e utiliza no seu dia-a-dia Assim, no uso corrente da linguagem parece prevalecer a ideia de que texto se correlaciona com escrituralidade e com unidade temática. Mas a variabilidade de usos do termo texto denuncia por seu lado uma grande insegurança quanto ao entendimento do que seja efetivamente um texto – um facto para o qual terá contribuído.

Pela citação de Pimentel (2007) percebe-se que mesmo com advento de conceituações mais modernas de texto ainda há, no mundo da Linguística, uma dificuldade genérica de afirmar o que é texto. E assim, Marcuschi (2008, p. 79) diz que texto é “um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações alternativas e colaborativas”. Para o autor mencionado, o texto tem um sempre uma funcionalidade principal e esta é, sem dúvida, estabelecer a comunicação.

Outra grande e relevante definição de texto é a de Koch e Fávero (2009, p. 25) ao explicar que texto “é uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto”. Pela explicação dos autores elencados compreende-se que o enunciado textual corresponde a ser uma unidade de sentido que carece de elementos de textualidade como, por exemplo, coerência – um dos focos deste estudo – e por tudo isso, essa definição foi à adotada como conceito precípua de texto nesta monografia.

Além disso, a definição de Koch e Fávero (2009) corresponde a ser uma das mais contemporâneas sobre o texto que sempre faz correlação a este como instrumento comunicativo de sentido e caso tais fatores não sejam estabelecidos num enunciado textual este, então, é considerado desprovido de sentido e função e,

² Esse assunto será explicado na seção 2.2 deste capítulo.

por isso não pode ser considerado um texto. A produção textual requer domínio não só da gramática, mas, principalmente, de seus elementos de textualidade e sobre tais a seção abaixo aborda as principais explicações.

2.2 Fatores de textualidade

Especificamente é na terceira fase da Linguística Textual tida como “Teoria do Texto” ou “Elaboração para teoria de texto” que os fatores de textualidade foram instituídos para que um texto seja considerado funcional e rico em sentido. Tais fatores vão além do conhecimento gramatical e semântico das palavras.

Conforme Marcuschi (2008, p. 97) a textualidade não advém da transcrição literal do texto, mas corresponde a um “evento final resultantes das operações produzidas nesse processamento de elementos multiníveis e multissistemas” que é a produção textual. Ou seja, na constituição de um texto, a textualidade é realizada por meio de elementos que quando bem entrelaçados enriquecem o enunciado textual com função e sentido.

Em outras palavras, Pimentel (2007) esclarece que textualidade é quando uma dada produção textual aborda sete “elementos” sendo eles: coesão, coerência, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade. Somente por meios desses elementos a textualidade pode ser mantida.

Sendo assim, foi em 1981 que Wolfgang U. Dressler citou tais fatores para o enriquecimento do texto e desde, então, estudiosos não param de estudá-los como, por exemplo, Koch e Elias (2014) que explicam em sua obra³ cada um desses elementos, pois a textualidade se constitui, atualmente, como uma característica da conceituação moderna do texto e entender o que tais fatores significam são primordiais para que sejam colocados em prática.

Por tudo isso, então, nos parágrafos abaixo segue a significação de cada um deles. A coesão é o primeiro deles e corresponde a sequenciação textual entre as partes do texto ela é o “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados por meio de

³ Ler e compreender: os sentidos do texto.

recursos, também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido” (KOCH, 2010, p. 41).

O segundo fator de textualidade é a coerência e segundo Koch e Elias (2014) diz respeito ao sentido e compreensão lógica das partes da unidade textual e que esta, para ocorrer necessita e depende da ocorrência dos seguintes fatores: elementos linguísticos, conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, inferências, fatores de contextualização e entre outros⁴. Segundo Koch e Fávero (2009) a coesão e a coerência quando juntas e bem estabelecidos são os fatores precípuos para a base essencial do sentido do texto.

O terceiro e quarto elemento de textualidade corresponde à intencionalidade e aceitabilidade esses fatores são expostos e explicados de maneira conjunta, aqui, porque um depende do outro e ambos necessitam da coesão e da coerência para alcançarem o intento funcional e comunicativo do texto. Pois, a intencionalidade está relacionada ao objetivo do texto construído pelo emissor com vistas a que este seja aceito pelo receptor da mensagem textual e esta aceitabilidade é construída nos propósitos que sejam relevantes para o destinatário do texto.

Em continuidade ao assunto, deste tópico capitular, o quinto fator de textualidade é a informatividade que segundo Pimentel (2007, p. 20) corresponde ao “maior ou menor grau de familiaridade, conhecimento ou certeza com que se apresentam os elementos veiculados pelo texto – constitui um factor condicionador do interesse e da capacidade de concentração do receptor na recepção do texto”. Para Koch e Elias (2014) a informatividade é, em síntese, o grau de conhecimento do emissor expressa no texto.

A situacionalidade é o sexto elemento de textualidade e, além disso, é, sem dúvida, é um dos principais fatores essenciais ao texto, pois é a “chave da interpretação do texto por se prender com o conjunto dos factores que tornam um texto relevante para a situação de comunicação” (PIMENTEL, 2007, p. 20). É pela situacionalidade que dependente, também, da informatividade que o emissor consegue estabelecer meios para que o receptor compreenda o intuito comunicativo e funcional do texto.

4 Esses elementos serão melhor explicados no tópico 3.2 desta monografia.

Por fim, a intertextualidade é o sétimo fator de textualidade e conforme Koch e Elias (2014) através dela o emissor podem construir textos mais ricos de conteúdo e mensagens a partir do conhecimento de outros textos e etc. por ela, é possível, também que o receptor perceba que emissor utilizou-se da intertextualidade explícita ou implícita para estabelecer o texto⁵.

⁵ A intertextualidade não é, apenas, fator de textualidade, mas ao mesmo tempo ela é fator de coerência textual. Sendo assim, a seguir no capítulo 3 isso será abordado e no 4 explanar-se-á mais a fundo sobre esse elemento em capítulo exclusivo a tal elemento de ambas funções textuais.

3 O SENTIDO DO TEXTO

Este capítulo assume a intenção de discorrer sobre o sentido do texto com ênfase em dois dos principais elementos de textualidade: Coesão e Coerência. Diante desse intuito cabe explicar, ainda, que mesmo a coesão não sendo o foco deste trabalho de conclusão de curso houve a necessidade de explanar sobre ela por se constituir em uma temática interligada e ao mesmo tempo interdependente da coerência. Assim, são apresentadas, aqui, as principais nuances a seu respeito, entretanto sobre a coerência uma análise maior é realizada.

3.1 Coesão e Coerência

Desde o capítulo anterior no qual se abordou a discussão sobre texto e seus fatores de textualidade a coesão e a coerência foram citadas como “elementos” essenciais para que um enunciado possua sentido. Conforme Pimentel (2007) dos doze fatores necessários para que um texto possua lógica compreensiva, suficiente, a coesão e a coerência se destacam porque uma proporciona sequenciação e a outra, sentido.

Segundo Marcuschi (2008) a necessidade de estabelecer, numa unidade textual, a coesão e a coerência se deve ao de poder cumprir com a função global do texto: a ocorrência comunicativa. Pois, se este não apresenta elementos suficientes a instituir uma situação comunicativa o texto torna-se desprovido de função.

Assim, ao lembrar da averbação de Koch e Fávero (2009, p. 25) em torno do texto que para tais representam ser “uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto” infere-se que essa tessitura é melhor realizada pelo advento da coesão e da coerência que “costuram” a unidade textual com elementos coesivos⁶ e coerentes.

6 Também chamados de elementos de ligação ou sequenciação.

Perante, então, as assertivas elucidadas acima, Koch (2010, p. 41) explica que a Coesão Textual é o “fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual encontram-se interligados por meio de recursos, também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentido”. A grosso modo, também, pode-se dizer que tal elemento de textualidade diz respeito a sequência lógica do texto realizada por mecanismos de referenciação e sequenciação.

Os mecanismos de referenciação e sequenciação foram citados ao fim do parágrafo acima para abrir caminho com o intuito de elucidar que tais meios dão segmento as duas tipologias de coesão: Coesão Referencial e Coesão Sequencial.

Assim, portanto, Koch (2009, p. 39) em linhas gerais dá saber que “a coesão referencial é aquela em que um componente da superfície do texto faz a remissão a outros elementos do universo textual”. Ou seja, nesse tipo de coesão o autor está em constante referenciação às informações utilizadas no texto não as deixando como conhecimentos isolados ou avulsos.

Além disso, outro fato importante acerca da Coesão Referencial é que para realizar adequadamente a referenciação das informações já expostas, no texto, os elementos coesivos mais utilizados correspondem as figuras de linguagem da: Anáfora, Catáfora, Elipse e Reiteração.

Segundo Matias (2012 p. 3-4, grifo do autor):

A **Anáfora** ocorre quando um termo já dito (referente) é recuperado por meio de um item coesivo depois. A **Catáfora** é quando o termo pressuposto (referente) aparece após o termo coesivo. A **Elipse** se dá quando algum elemento do texto é retirado, evitando a repetição. E a **Reiteração** – é decorrente da repetição do mesmo item lexical e de outros procedimentos já mencionados acima como o emprego de sinônimos, hiperônimos etc.

Matias (2012) define na citação acima os elementos de coesão referenciais mais utilizados, entretanto Koch (2009) enfatiza que, sem dúvida alguma, os termos anafóricos são os mais utilizados nesse tipo de coesão, mas isso não quer os outros elementos supracitados são desvalidos de utilização.

Em sequência aos tipos de coesão a outra modalidade corresponde à Sequencial que ainda na percepção direta de Koch (2009, p. 39) àquela que se “estabelece, entre segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados,

parágrafos e mesmo sequências textuais), diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático - discursivas, à medida que se faz o texto progredir”.

Pela explicação de Koch (2009) presume-se que esta modalidade coesiva é um tanto mais complexa que a primeira e isso se deve pelo fato da sequenciação não ser uma tarefa simples, pois envolve tanto o domínio da morfologia quanto da sintaxe.

Na percepção parafraseada de Oliveira e Pugliese (2015) um texto corretamente releva o potencial cognitivo do autor, pois trabalhar com palavras isoladamente, depois encaixá-las numa frase e daí transformá-la em uma oração e expandi-la para a formação de períodos (simples ou compostos) e nessa situação primar pela unicidade do sentido lógico demonstra a capacidade intelectual do autor do texto.

Porque além disso, coesão sequencial ao criar elo entre as partes pode, ainda, realizar “a progressão textual com ou sem elementos recorrentes” (KOCH, 2009, p. 53) e assim como a coesão referencial esta possui modalidades: frástica, parafrástica, e interfrástica. Para explicar, então, o que são tais tipos de coesão sequencial Oliveira e Pugliese (2015, p.1, grifo dos autores) enfatizam:

[...] Têm-se três tipos de sequenciação coesiva: A **parafrástica** ocorre com procedimentos de recorrência de termos, de estruturas sintáticas, de conteúdo semânticos (paráfrase), de recursos fonológicos segmentais ou supra-segmentais e de tempo e aspecto verbal. A **sequenciação frástica** se faz compreender através de procedimentos de manutenção temática e de progressão temática (tema e rema). E a **sequenciação por conexão ou conexão interfrástica**, em que se pode distinguir os conectores do tipo lógico e os do tipo discursivo. Os conectores do tipo lógico apontam a relação que o locutor estabelece entre o conteúdo de duas proposições, resultantes de um ato de fala único. Os conectores do tipo discursivo são responsáveis pela estruturação de enunciados, por meio de encadeamentos sucessivos, sendo cada enunciado resultante de um ato de fala diferente.

Apresentado, então, a abordagem sobre a coesão, agora, apresenta-se as nuances acerca da Coerência Textual que implica objetivamente no sentido/compreensão lógica das partes da unidade textual e que esta, para ocorrer necessita e depende da ocorrência dos seguintes fatores⁷: elementos linguísticos,

⁷ Os fatores serão discutidos mais a fundo na seção 3.2 deste capítulo.

conhecimento de mundo, conhecimento compartilhado, intertextualidade, inferências, fatores de contextualização e entre outros.

Em linhas gerais é fácil iniciar e encerrar a discussão acerca da coerência explicando, apenas, que ela corresponde ao estabelecimento do sentido do texto. De fato, a assertiva elucidada não é falsa, porém é a grosso modo um tanto limitado, pois de acordo com Koch e Travaglia (2009) a coerência transcende a função de estabelecer sentido, pois muito mais que isso ela proporciona a satisfação da função precípua do texto: proporcionar a situação comunicativa.

Sobre essa assertiva Straccia (2006, p. 6) frisa que a situação comunicativa estabelecida num texto coerente gera a “Inteligibilidade – a possibilidade de um texto ser compreendido e a Interpretabilidade – a possibilidade de um texto ser interpretado”. Diante dessa percepção a coerência adquire uma importância e funcionalidade singular em toda e qualquer unidade textual, pois ao estabelecer sentido ela proporciona ao leitor o saber compartilhado dos acontecimentos.

Nessa menção, no campo da Linguística um texto com sentido é, obviamente, chamado de coerente o que não possui tal característica é adjetivamente nomeado de incoerente, pois nele não houve elementos coerentes capazes de estabelecer uma ocorrência comunicativa satisfatória com o leitor.

Por isso tudo, então, Marcuschi (2008, p. 121) diz que “a coerência é uma atividade interpretativa e não propriamente imanente ao texto. Liga-se, pois a atividades cognitivas e não ao código apenas”. O autor citado averba que a ocorrência do sentido estabelecida pela coerência pressupõe interpretação e não ocorre apenas pela língua empregada.

Entretanto, é importante destacar que para a interpretação textual ser realizada eficazmente, o autor deve proporcionar ao leitor um texto coerente, portanto, sem ruídos, para que a interpretação seja, de fato, positivamente instituída. Ou seja, queira ou não, o estabelecimento eficiente do código escrito ou verbal é essencial para o estabelecimento da coerência, pois se o código for mal escrito ou falado torna-se impossível de realizar uma interpretação.

Assim sendo, Koch e Travaglia (2009, p. 21) dizem que a coerência “é o princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto”. Ademais, complementa-se a citação direta dos autores supracitados com a reflexão de Costa (2010, p. 5):

A coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ela é o que faz com que o texto tenha sentido para os usuários [...] é algo que se estabelece na interlocução, na interação entre dois usuários numa dada situação comunicativa. Considera-se, pois, a coerência como princípio de interpretabilidade, depende da capacidade dos usuários de recuperar os sentidos do texto pelo qual interagem, capacidade essa que pode ter limite variáveis para o mesmo usuário depende da situação e para usuários diversos depende de vários fatores

Diante dessas definições e abordagens Bentes (2001) elucida que, de fato, a coerência ao trabalhar o sentido das produções textuais se ocupa de analisar o sentido não mais pelo texto em si, mas por todo o contexto que o cerca como, os fatores linguísticos, cognitivos, socioculturais e interacionais. Além disso, outro importante assunto a ser apresentado acerca da coerência textual são suas tipologias, a saber: Coerência Sintática, Coerência Semântica, Coerência Temática, Coerência Pragmática, Coerência Estilística e Coerência Genérica.

A Coerência Sintática relaciona-se ao conhecimento e a aplicação exata da língua/da gramática na produção textual. Nesse tipo de Coerência, o indivíduo usufrui do léxico que possui aliado a mecanismos de coesão com vistas a estabelecer uma eficaz ocorrência comunicativa.

Já a Coerência Semântica é construída por meio da significação das palavras e expressões textuais presentes no texto. Note que para ela ocorre coerentemente deve estar abordada pelo princípio da não contradição que diz respeito ao texto não se contradizer em seus sentidos.

Outra tipologia a explicar é a Coerência Temática que parte do pressuposto de que todo o assunto exposto na produção textual deve ser relevante e relacionado ao tema do texto. Em continuidade as elucidações, explana-se, também, sobre a Coerência Pragmática estando ela relacionado a sequência dos atos fala no decorrer do texto, obedecendo cada sequência a ordem de realização.

Assim sendo, há também a Coerência Estilística que exige do escritor textual o uso da língua adequada para se direcionar a cada leitor ou ouvinte. Por último, há a Coerência Genérica totalmente intrincada com o gênero textual a que unidade textual é construída e emitida. Nessa modalidade, para ocorrer a situação comunicativa do sentido deve-se, sempre, saber o qual o gênero textual e o público a ele destinado.

3.2 Fatores de coerência

Os fatores de coerência são aqui apresentados em seção específica, neste capítulo, porque este estudo tem como foco a intertextualidade que é um dos doze fatores de coerência textual, por isso, então, sentiu-se a necessidade de explicar, primeiramente, sobre todos os elementos que proporcionam o sentido das unidades textuais para só depois, em capítulo seguinte, tratar, exclusivamente da intertextualidade.

Então, assim como a textualidade que é composta por sete elementos para que um texto assuma e cumpra sua função, a coerência, também, possui seus próprios fatores para que o sentido textual seja estabelecido. Assim, Koch e Travaglia (2009) afirmam que são fatores de coerência onze elementos:

1. Elementos linguísticos;
2. Conhecimento de mundo;
3. Conhecimento compartilhado;
4. Inferências;
5. Fatores de contextualização;
6. Situacionalidade;
7. Informatividade;
8. Focalização;
9. Intertextualidade,
10. Intencionalidade e aceitabilidade; e
11. Consistência e relevância.

O primeiro deles, elementos linguísticos representa e/ou colaboram para inferência argumentativa estabelecida nas partes da superfície texto, denominada cotexto. O cotexto articula os elementos e a relação linguística no interior do texto (SANTOS 2010). Em sequência, o conhecimento de mundo, refere-se ao saber que o indivíduo possui, seja ele adquirido na escola seja na vivência em sociedade, o conhecimento de mundo ajuda o escritor cada vez melhor à medida que possui cada vez mais esse tipo de saber. Com ele torna-se mais fácil à escrita e conseqüentemente a produção do sentido.

Assim, Santos (2010) verbera que há alguns modelos de conhecimento que contribuir para a expansão do conhecimento de mundo. Sendo eles: Frames, Esquema, Planos, Scripts e Superestruturas ou Esquemas textuais.

Frames são reflexos armazenado na memória do indivíduo relacionado a acontecimentos relevantes. Como, por exemplo, ao pensar em carnaval logo lembra-se blocos carnavalescos; **Esquemas** – conjunto de conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal: fazer um bolo; **Planos** – conjunto de conhecimentos sobre como agir para atingir determinado objetivo; por exemplo, como vencer uma partida de xadrez; **Scripts** – conjunto de conhecimentos altamente estereotipados sobre modos de agir em uma dada cultura. Exemplo: discurso de formatura; **Superestruturas** – conjunto de conhecimentos sobre diversos tipos de textos que adquirimos à medida que vamos tendo contato com eles e os comparamos com outros. Ex.: artigo científico (introdução – problema – solução – conclusão) (SANTOS, 2010, p. 19).

Além do conhecimento de mundo há o fator do conhecimento compartilhado, onde no ato da produção e emissão de um texto coerente é necessário que o emissor possua conhecimentos em comuns sobre a temática. Caso contrário não será estabelecido a ocorrência comunicativa.

O outro fator é a inferência, conceituada como ação pela qual o indivíduo se utiliza de outros elementos, já existentes no texto, para interpretar, analisar o sentido textual e atrelada a esse fator está os fatores de contextualização: essenciais para ancorar o texto numa situação comunicativa. Sobre esse elemento, Santos (2010, p. 23, grifo do autor) explica:

São de dois tipos: os **contextualizadores** propriamente ditos e os **perspectivos** ou **prospectivos**. Entre os contextualizadores propriamente ditos, podemos destacar data, local, assinatura, elementos gráficos, timbre, logotipo, que são fundamentais para se estabelecer a coerência. Pensemos num jornal, revista, folder, etc. Os elementos gráficos ali presentes (disposição da página, ilustrações, fotos, diagramação, tipos de letras utilizados, etc.) são fundamentais para a interpretação do texto. Os fatores perspectivos ou prospectivos são aqueles que criam expectativas sobre o conteúdo e a forma do texto, como título, autor, início do texto.

A situacionalidade representa fator de Coerência Textual quando para o texto e do texto para a situação. Situação para o texto: “trata-se de determinar em

que medida a situação comunicativa interfere na produção recepção do texto” (COSTA, 2010, p.11) e no Texto para a situação: “tem reflexo importante sobre a situação comunicativa, pois os referentes textuais não são idênticos ao do mundo real, mas são construídos no interior do texto” (COSTA, 2010, p. 11).

Já a informatividade relaciona-se com o grau ou a quantidade dos dados expostos na unidade textual e a focalização representa o foco do escritor em apresentar/trabalhar as informações nas produções textuais. Nesse contexto, destaca-se também a intertextualidade⁸ que em linhas gerais é tida como a capacidade criar unidades textuais a partir de outras produções já existentes.

Há vários tipos de intertextualidade:

A intertextualidade de forma ocorre quando o produtor de um texto repete expressões, enunciados ou trechos de outros textos, ou então o estilo determinado autor ou de determinados gêneros de discurso. Um subtipo de intertextualidade formal é a intertextualidade tipológica, que também é importante para o processamento adequado do texto. Quanto à intertextualidade de conteúdo, pode-se dizer que a intertextualidade é uma constante: os textos de uma mesma época, de uma mesma área de conhecimento, de uma mesma cultura, etc., dialogam necessariamente, uns com os outros. Essa intertextualidade pode ocorrer de maneira explícita – o texto contém a indicação da fonte do texto primeiro, como acontece com o discurso relatado, as citações, traduções, resumos e resenhas, etc. – implícita – não se tem indicação da fonte, de modo que o receptor deverá ter os conhecimentos necessários para recuperá-la, o contrário, não será capaz de captar a significação implícita que o produtor pretende passar (COSTA, 2010, p. 12).

Pela citação destacada acima, infere-se que a intertextualidade é um importante fator de coerência, pois através do referido elemento o escritor pode enriquecer implícita ou explicitamente o sentido dos enunciados estabelecidos no texto. Já no tocante à intencionalidade e aceitabilidade são dois fatores que se unem. A intencionalidade diz respeito à maneira do escritor expor sua intenção textual para produzir o sentido da temática e a aceitabilidade representa aceitação ou não de tal intencionalidade.

Diante disso, cita-se os últimos fatores de coerência que são a consistência e relevância. A consistência preza que os enunciados sejam consistentes como todos os outros e relevância diz respeito que todo o conteúdo exposto nos enunciados deve ser importante para temática abordada.

⁸ Foco de análise neste trabalho de conclusão de curso.

4 INTERTEXTUALIDADE

Este capítulo apresenta as principais considerações acerca da intertextualidade como: conceito, formas de ocorrência e sua utilização no texto. Como já percebido pela explanação do primeiro e segundo capítulo, desta monografia a intertextualidade é ao mesmo tempo fator de textualidade e de coerência e por isso, torna-se um elemento muito importante a ser estudado.

4.1 O que é intertextualidade

Do latim *inter* (entre) + *textus* (texto), intertextualidade implica etimologicamente a significação pertinente à entre textos, ou seja, um texto a partir de outro. Em linhas gerais, tal fator de coerência e ao mesmo tempo de textualidade corresponde à capacidade de pautar ou enriquecer a qualidade da unidade textual. A grosso modo é um texto a partir de outro texto.

Na percepção de Koch e Travaglia (2009), a intertextualidade corresponde um elemento de características plurais de grande relevância no cotidiano de cada indivíduo, pois revela a capacidade crítica da pessoa ao permear seu texto com o conhecimento advindo de outro sem estabelecer plágio.

O pensamento parafraseado dos autores citados acima remete a necessidade de elucidar que intertextualidade não significa transcrever, literalmente, as informações de um texto para outro, pois de acordo com Koch (2007), o supracitado fator de coerência serve para enriquecer o conhecimento do autor e, a partir do saber adquirido, este deve apresentar uma nova reflexão e não copiar desmedidamente.

Assim, portanto, Bakhtin (1992) revela que a intertextualidade é um “acontecimento” ou fenômeno de natureza eminentemente semântica, pois seu foco sempre se estabelece a partir da significância de algo que já existe, independentemente, de ser escrito ou oral. Ou seja, intertextualidade implica compreensão e reflexão.

Nesse sentido, Sena (2015, p. 13) explica que:

[...] a compreensão de qualquer texto se dá pelos significados das partes encaixadas, num determinado contexto, e pelo pronunciamento apreendido por trás do texto, revelando a visão de mundo de quem o produziu. Nas situações reais da sociedade, as pessoas escrevem porque têm claros seus objetivos. Na escola, a criança escreve para ser avaliada pelo professor; por isso, os textos escolares parecem tão artificiais. O professor, de qualquer área de conhecimento, precisa justificar a atividade de produção textual pedida para que o aluno-escritor possa formular seu objetivo que não seja, tão somente, o de ganhar nota. Desse modo, a intertextualidade revela-se fator importante na construção da rede de relações que é a textualidade.

Diante da citação destacada percebe-se o quão é relevante a capacidade de compreender os textos para que se possa construir outro cheio de significância. Assim, o receptor ao conseguir entender o sentido do enunciado a ele enviando, cumpre-se, então, a função social do texto que é a de estabelecer a ocorrência comunicativa (MARCUSCHI, 2008).

Para tanto, outra situação que se deve considerar acerca da intertextualidade são os elementos para analisá-la: o co-texto e o contexto. No capítulo anterior foi dito segundo Santos (2010) que o co-texto se refere a articulação dos elementos e a relação linguística no interior do texto e contexto que abrange toda amplitude da situação comunicativa dos enunciados.

Ou seja, numa explanação mais simples e ao mesmo tempo análoga, o contexto corresponde a toda estrutura que cerca a constituição geral do texto, nele está envolvida não só o conteúdo escrito, mas todos os elementos externos que o levaram a escrever o enunciado textual.

Pelo contexto, analisam-se as questões sociais, culturais, históricas e etc. que se enquadra a produção. Já o co-texto está intimamente relacionado a microestrutura do texto. Ou seja, preocupa-se em interpretar e correlacionar os elementos internos da unidade textual. Sendo assim, ao trabalhar com a averiguação da intertextualidade deve-se estar atento a esses dois importantes elementos imprescindíveis ao estudo do referido fator de coerência.

Além disso, Sena (2015, p. 14) verbera:

Para usufruir da intertextualidade, é preciso ativar o conhecimento de mundo, aquele que está armazenado na memória, pela vivência, como também o conhecimento partilhado, que determina a estrutura informacional e que, juntos, darão sentido ao texto. Ao mesmo tempo que contribuem para a eficiência pragmática do texto, dando-lhe interesse e relevância, a intertextualidade e a informatividade se

colocam, como constitutivos da unidade lógico-semântico-cognitiva do discurso, ao lado da coerência.

Perante as informações já expostas nas citações e parágrafos acima cabe, agora, de fato, conceituar a intertextualidade. Assim, a primeira definição, aqui, apresentada é a de Koch (2010, p. 145-146):

Considero intertextualidade em sentido restrito a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos. E essa intertextualidade também tida como *stricto sensu* ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores.

A explanação de Koch (2010) releva justamente o que já foi elucidado em trechos anteriores, neste capítulo, pois, de fato, a intertextualidade é parte do conhecimento social, coletivo, individual e discursivo de cada ser. Em sequência outra conceituação a se expor é a de Zani (2003, p. 123):

A intertextualidade pode também ser compreendida como uma série de relações de vozes, que se intercalam e se orientam por desempenhos anteriores de um único autor e/ou autores diferenciados, originando um diálogo no campo da própria língua, da literatura, dos gêneros narrativos, dos estilos e até mesmo em culturas diversas.

A compreensão de Zani (2003) é bastante pertinente pois, a intertextualidade é uma sucessão de vozes discursivas que se entrelaçam-se em meio as mais diversas intenções comunicativas para que um novo texto possa ser construído com textualidade e coerência. Sendo assim, diante desses conceitos, considera-se o pensamento de Koch (2010) o mais apropriado nesse trabalho monográfico para definir intertextualidade, mas isso não quer dizer que as demais definições não apresentam valor significativo, pois nesse caso as definições se complementam e não são, de maneira alguma, excludentes uma da outra. Portanto, na seção seguinte, aborda-se as formas de intertextualidade.

4.2 Formas de intertextualidade

Assim como a coerência, coesão e até o mesmo o texto, a intertextualidade também possui suas formas ou tipologias. Koch e Travaglia (2009) afirmam que são dois tipos dela: implícita e explícita. Nesse sentido, explica-se que a implícita diz respeito àquela que a fonte intertextual não é revelada. Já a explícita as origens são apresentadas.

Nessa menção, Koch (2007) afirma que as formas de intertextualidade ocorrem por meio da citação, paródia, alusão, paráfrase, estilização. A citação refere-se a um tipo de intertextualidade explícita, pois a fonte é revelada no texto. Para Fiorin (2003, p. 30) “

a citação é aquela que pode confirmar ou alterar o sentido do texto citado, como também pode ser feita em outra linguagem”. Em síntese, é a transcrição efetiva do pensamento de autor devidamente referenciado.

Já a paródia dá origem a intertextualidade implícita, pois a fonte intertextual não é revelada. Assim, Fávero (2003, p. 50) afirma que paródia é “como o canto paralelo, incorporado a ideia de uma canção cantada ao lado de outro, como uma espécie de contracanto”. Na verdade, a citação do autor, em questão, é mais uma analogia do que uma definição e isso foi feito propositalmente porque, normalmente, a maioria das paródias ocorrem por meio de músicas, mas ela também pode ser realizada através de anúncios publicitários, por exemplo.

Em sequência, a alusão é conforme Fiorin (2003, p. 31) “um processo de reprodução de construção sintática em que certas figuras são substituídas por outras, mantendo-se a relação hiperonímica”. Não vista pelos linguistas como uma forte ocorrência de intertextualidade, pois seu foco precípuo é, apenas trocar as palavras ou a ordem das orações.

A paráfrase segundo Rebello (2009, p. 1970) é “afirmação geral da ideia de uma obra de modo a dar um esclarecimento”. Ou seja, ocorre quando um interlocutor assume a partir da interpretação das palavras ou textos já escritos e dá uma explicação sobre o ocorrido. Por fim, a estilização “é a reprodução de um conjunto de procedimentos, de formas, de conteúdos e de características do discurso de outrem” (REBELLO, 2009, p. 1970).

5 GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR

Este capítulo possui o intuito de discorrer sobre o gênero redação escolar, em especial, o texto dissertativo-argumentativo, foco da pesquisa de campo deste trabalho de conclusão de curso. Sendo assim, aqui é disposto inicialmente uma contextualização sobre tal gênero e depois aprofunda-se no texto redacional dissertativo-argumentativo para que o leitor deste estudo tenha a compreensão necessária sobre a temática.

5.1 Contexto e caracterização

O gênero redação escolar é, sem dúvida, um dos mais estudados e trabalhados pelos estudantes das instituições de ensino público e privada, no Brasil (RODRIGUES, 2015). Desde o início do Ensino Fundamental até final do Ensino Médio, os professores ensinam e exigem a prática do texto redacional através de exercícios de classe, extraclasse e como forma de avaliação, pois tal gênero assume, nas escolas, uma matéria específica na grade de disciplinas dos estudantes.

Assim, cabe explicar que isso se deve não só pela intenção precípua dos docentes em fazer com que seu corpo discente possua habilidade e capacidade suficiente para realizar produções redacionais diversas. Mas também, isso ocorre, pela determinação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em exigir que os professores trabalhem em sala de aula, o cognitivo dos alunos para que estes sejam capazes de construir qualquer tipo de redação não só ambiente escolar, mas em qualquer contexto que o indivíduo esteja inserido e instigado a construir uma redação (BRASIL, 1997).

Nesse contexto, então, cabe enfatizar que o gênero redação escolar possui uma função social que extrapola as fronteiras da sala de aula. Pois, atualmente, ela é exigida em lugares além das instituições de ensino como, por exemplo, em provas de concurso público, seleções de emprego, concursos artísticos e etc.

Sendo assim, conforme Francês (2015, p. 214):

O gênero escolar redação deve ser visto como algo transversal e de natureza plural. Ou seja, não é pelo fato de tal gênero textual ser ensinado na escola que ele não sirva, relevantemente, no cotidiano de cada um. Pois, diferentemente da poesia e dos sonetos que não são utilizados, genericamente, por todos as pessoas, a redação que aprendemos na escola é levada para todos os âmbitos de nossas vidas. Seja no estilo narrativo, descritivo e dissertativo-argumentativo, o gênero escolar redação é atemporal e de infinita utilização fora das instituições de ensino.

Como citado acima, o gênero escolar redação possui tipologias e as mais estudadas na sala de aula são: narração, descrição e a dissertação. Assim, explica-se que a narração é aquela onde o escritor narra um fato verídico ou não seguindo uma sequência lógica dos fatos. Já a descrição, ocupa-se descrever o acontecimento.

A dissertação, portanto, é mais complexa que as demais tipologias do gênero redação escolar, é aquela, em linhas gerais, em que o indivíduo expõe determinado ponto de vista sobre um assunto almejando convencer o leitor com argumentos sólidos e construtivos.⁹

Além dessa informação é interessante ressaltar que durante todo o Ensino Fundamental e Médio esses tipos são trabalhados com os alunos e logo este são instruídos a saber que independentemente das especificidades do gênero redação escolar para escrevê-lo, faz-se necessário:

1. Usar norma culta/domínio da gramática;
2. Primar pela ocorrência dos elementos da textualidade como, por exemplo:
3. Coesão;
4. Coerência;
5. Situacionalidade;
6. Informatividade; e
7. Intencionalidade e aceitabilidade.

9 A explicação realizada sobre a narração e descrição foi simplesmente de caráter superficial. Não é intuito deste trabalho esmiuçar a explanação sobre tais tipologias do gênero escolar redação. E no tocante à dissertação realizou-se nesse momento de forma sintética porque logo na próxima seção deste capítulo aborda-se com ênfase as nuances mais relevantes do texto redacional dissertativo-argumentativo.

Nesse sentido, então, Corrêa e Luft (2000) lembram que o gênero redação escolar faz-se a cada dia mais relevante pois, constantemente cresce as pesquisas que tem por base analisar produções redacionais de estudantes.

Isso se deve, ao fato, de que é na escola que os indivíduos são preparados para produzir redações que podem ser visualizadas e utilizadas nos mais diversos contextos e situações. Principalmente quanto se trata de expor seus argumentos como é o que ocorre nos textos redacionais dissertativos-argumentativos.

Porém, mesmo sabendo da relevância do gênero redação aqui tratado é necessário lembrar que sobre esse assunto cerca um determinado contraponto bem aclarado por Bagno (2002) ao criticar o esquecimento ou até mesmo depreciação do gênero textual oral pela máxima de que o relevante é saber escrever bem.

Os gêneros textuais orais estão sendo esquecidos, desprezados por causa do preconceito contra a língua falada, considerada “sem gramática”. O estudo das práticas orais é importante para ampliar o conceito de letramento. Assim, juntamente com a capacidade que os seres humanos sempre tiveram, em diferentes épocas e culturas, centradas em e com a finalidade de transmitir conhecimentos, preservar a memória do grupo e estabelecer vínculos de coesão social, por meio de práticas que independem do conhecimento de qualquer forma de escrita (BAGNO, 2002, p. 35).

A intenção do autor citado não é incitar a desvalorização da linguagem escrita, mas sim averbar que a língua falada também possui sua relevância na sociedade, pois a mesma deu suporte para que a escrita se estabeleça. Portanto, o que autor quer destacar é que os docentes não podem desvalorizar o ensino da oralidade utilizando e tendo por base, apenas, o uso da escrita.

Nesse contexto, então é que Bagno (2002, p. 37) diz que o ensino da redação prejudica o ensino da língua porque “despreza os princípios básicos para a produção do texto que são: quem escreve; o que escreve; para quem escreve; para que escreve; quando e onde escreve”.

Assim, explica-se que não é objetivo deste estudo realizar uma discussão sobre o ensino do gênero redação escolar na sala de aula, apenas, apresentou-se que existe um contraponto acerca do referido assunto. Nesse sentido, então, espera-se ter aclarado construtivamente nesse ponto e segue abaixo, na próxima, seção algumas explicações sobre o texto dissertativo-argumentativo.

5.2 O texto dissertativo-argumentativo

O texto redacional dissertativo-argumentativo considera nuances tanto das produções dissertativas¹⁰ quanto das argumentativas¹¹. Ou seja, envolve a exposição da delimitação de um tema aliado a um problema a ser argumentado apresentando possíveis soluções. Normalmente, os assuntos abordados nesse tipo de redação fazem parte da realidade social que afetam direta e indiretamente os indivíduos.

Por meio do texto dissertativo-argumentativo não é possível trabalhar com temáticas surreais, pois essas produções são criadas, justamente, com o intuito de debater acontecimentos de relevância plural para a sociedade em que estamos inseridos. Sendo assim, Citelli (1994, p. 19) explica:

O texto dissertativo/argumentativo envolve a constituição articulada dos sentidos e a realização eficiente dos objetivos de convencimento porque é uma modalidade onde se exerce com maior vigor a persuasão. Desta forma, uma série de mecanismos é acionada com a finalidade de construir teses, elaborar idéias, assumir pontos de vista e rechaçar preconceitos. Ao se construir essa tipologia textual, assegura-se, portanto, a existência do ponto de vista do escritor sobre um determinado tema. Essa construção passa por um processo complexo, mas necessário ao escritor do texto dissertativo/argumentativo.

Sendo assim, destaca-se que a dissertação-argumentativo, por se constituir como uma produção textual mais complexa e que exige, portanto, maturidade e conhecimento relevante para estabelecer pontos de vista convincentes é deixada para ser trabalhada, no 3º ano do ensino médio, porque presume-se que os alunos já possuem amadurecimento suficiente para expor argumentos lógicos/consistentes sobre um assunto (ABAURRE, L.; ABAURRE, M.; PONTARA, 2008).

Diante da assertiva apresentada, elucida-se que a redação dissertativa-argumentativa possui uma intenção textual díspar das demais pois, é permeada de

10 Em linhas gerais o texto dissertativo é aquele que discutir, avaliar, comentar determinado assunto sem o intuito de convencer/persuadir o leitor.

11 Já o argumentativo ao debater um assunto tenta persuadir o leitor com argumentos plausíveis e construtivos acerca do assunto.

técnicas estruturais rígidas devendo estar “montada” obrigatoriamente, em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão, e tais excertos devem estar dispostos em parágrafos de 5 a 6 linhas, sendo que toda ela deve conter 25 a 30 linhas¹². Nessa menção, elucida-se a seguinte constatação:

O texto denominado dissertativo/argumentativo é constituído, basicamente, de um tema e de um problema. A partir do tema, o escritor delimita o problema, ou seja, o recorte do tema. Para solucionar o problema, criam-se hipóteses, elegendo-se a mais eficaz para considerar como tese, que por sua vez será defendida com argumentos, construídos de forma a validar ou não a hipótese eleita, com o intuito de chegar-se a uma conclusão. O objetivo da argumentação é conseguir a adesão do enunciário à tese que lhe é apresentada. Sendo assim, a argumentação é desenvolvida em função do seu interlocutor.

E ainda DCL (2010, p. 22) complementa:

A dissertação-argumentativa implica uma estrutura organizada em etapas que focalizem o assunto a partir de uma técnica determinada, buscando objetivos precisos. Consiste na exposição de um assunto, no esclarecimento das verdades que o envolvem, na discussão da problemática que nele reside, na defesa de princípios, na tomada de decisões. Caracterizando-se pela análise objetiva de um assunto, pela sequência lógica das ideias, quando refletidas expressas, pela coerência na exposição das ideias.

Ao observar o destaque da citação acima, percebe-se, claramente, que a coerência - que corresponde ao sentido de um texto – é um “elemento” essencial e intrínseco numa dissertação argumentativa, pois é por meio do sentido lógico das palavras, frases e períodos que a exposição e a defesa de ideias, tornam-se persuasivas/convincentes para com o leitor e assim, passa, então, a ocorrer a uma situação/ocorrência comunicativa, por isso que a dissertação argumentativa “exige reflexão, seleção e sentidos de ideias” (DCL, 2010, p. 22).

Sendo assim, sabendo, então, que a coerência é um fator essencial em tal redação, utilizar a intertextualidade torna-se uma “ferramenta” de ímpar funcionalidade no texto dissertativo-argumentativo. Pois, através dela, o escritor consegue a estabelecer tal elemento de textualidade no referido gênero redação escolar.

¹² Essa estrutura é a ensinada pelos professores aos alunos em sala de aula. Mas, em outros eventos a dissertação-argumentativa pode ser requerida sem essa estrutura como, por exemplo, em concursos públicos e artísticos culturais.

Mas adiante, no sétimo capítulo, desta monografia, será analisada a intertextualidade como fator de coerência em redações dissertativo-argumentativas. Porém, antes é apresentado as nuances metodológicas para investigar tal intuito.

6 METODOLOGIA

A metodologia representa num trabalho de conclusão de curso ou em qualquer outro trabalho científico, o cerne precípua do estudo alavancado (GIL, 1987). É através dela que o pesquisador consegue alcançar os objetivos geral e específicos, responder a problematização proposta em dada investigação científica e mostrar à sociedade comprovações concretas de pesquisas que inicialmente possuíam caráter empírico (MARCONI; LAKATOS, 2002).

6.1 Caracterizações da pesquisa

A pesquisa sobre a intertextualidade como fator de coerência em produções textuais dissertativo-argumentativas dos alunos do 3º ano, matutino, do Ensino Médio da Unidade Escolar Miguel Lidiano na cidade de Picos (PI) é baseada e efetivada pelo método de pesquisa da análise qualitativa sob o corpus principal deste estudo que são as redações dissertativo-argumentativas.

Nessa menção, explica-se que a análise qualitativa é característica nos estudos e investigações científicas das áreas de conhecimento das Ciências Humanas e Sociais aplicadas. Sendo assim, enfatiza-se que sua utilização teve início em meio as pesquisas sociais desenvolvidas por sociólogos e antropólogos ao quererem qualificar as informações, textos e demais conteúdos que se pode obter pela pesquisa de um assunto e/ou temática (ALVES; SILVA, 1992).

Diante disso, elenca-se, também, que a pesquisa qualitativa surgiu como um contraponto a pesquisa e ao método quantitativo que de certa maneira “dominava” as práticas metodológicas das investigações científicas realizadas nas décadas iniciais dos anos 90. Assim sendo, a pesquisa e o método qualitativo passaram a dá uma interpretação subliminar aos dados obtidos em pesquisas, apresentando uma sequenciação minuciosa as informações subjetivas, objetivas (não quantificáveis), estruturadas e não estruturadas.

6.4 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são estudantes do 3º ano A, matutino, do Ensino Médio da Unidade Escolar Miguel Lidião na cidade de Picos (PI). Assim, é válido informar que as identidades dos autores não são, aqui, reveladas por motivos éticos. Mas, de já informa-se que os estudantes, todos maiores de idade¹³, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁴ permitindo realizar a análise e expor fragmentos do texto por eles produzidos.

6.5 Procedimentos da pesquisa

Para concretizar este estudo foi necessário buscar redações dissertativo-argumentativas. Então, realizou uma coleta de tais produções textuais 3º ano A, matutino, da Unidade Escolar Miguel Lidião. Num primeiro momento, recolheram-se as redações de toda a turma, num total foram 13 (treze), e após, tal ação, houve uma triagem avulsa e sem motivos especificados e depois selecionou-se quatro redações dissertativo-argumentativas.

Diante do exposto, frisa-se que por este estudo se constituir como uma pesquisa qualitativa, o limite de quatro redações escolhidas não influenciará no resultado da análise, pois a intenção deste trabalho de conclusão de curso não é construir um apanhado quantificável e enumerativo da intertextualidade como fator coerência textual em produções textuais dissertativo-argumentativas.

Pois, a intenção precípua é estabelecer uma pesquisa que qualifique todos os dados obtidos. Sendo assim, por meio dessas quatro redações dissertativo-argumentativas objetiva-se realizar uma análise qualitativa de tais produções textuais e verificar, nelas, a ocorrência da intertextualidade como fator de coerência textual.

¹³ Pela informação constata-se que os alunos estão fora da idade série que deveria ser 17 anos. Porém, explica-se que não foi investigado o porquê desse fato. Se foi devido a reprovações escolares, evasão ou por terem adentrado a escola com idade fora da série de ensino.

¹⁴ No Apêndice A consta o modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos estudantes que cederam suas redações para a análise proposta neste trabalho de conclusão de curso.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Este capítulo ocupa-se, precipuamente, em analisar a ocorrência da intertextualidade como fator de coerência em redações dissertativo-argumentativas de quatro estudantes do 3º ano A, matutino, do Ensino Médio da Unidade Escolar Miguel Lidião na cidade de Picos (PI).

Nesse sentido, desde já, enfatiza-se que, aqui, os autores de tais produções textuais são taxados por pseudônimos: Aluno A, Aluno B, Aluno C e Aluno D, devido ao cumprimento dos princípios éticos estabelecidos junto a tais estudantes. Sendo assim, explica-se que a redações dissertativo-argumentativas analisadas, neste capítulo, possuem como temática o assunto referente às “Drogas”.

Diante do elucidado, então, segue abaixo a redação do Aluno A:

FOLHA DE REDAÇÃO

TÍTULO	Uma pedra a menos no caminho
01	O Brasil tem de fato um grande problema em rela-
02	ção ao grande número de usuários de crack que
03	habitam becos, ruas e propriedades abandonadas mas
04	o que as autoridades estão fazendo a respeito desse
05	caso?
06	Várias medidas foram tomadas ao decorrer do tempo,
07	medidas drásticas e medidas simples como a busca
08	de voluntários para reabilitação.
09	Mas como política é feita de estatísticas as
10	medidas continuam negativas com relação ao aumento
11	em grande escala dos usuários.
12	A violência não vem só do lado dos usuários
13	a polícia contribui com a agressividade, o abuso
14	de poder, as vezes ocorre fatalidades.
15	Entretanto se houvesse uma maior atenção para
16	esses casos, se o governo fizesse seu papel de edu-
17	car as crianças para depois não punilas se mais
18	instituições fossem abertas para tratar o vício
19	podria haver uma diminuição desse problema e
20	o país daria um passo rumo a pacificação.
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

A iniciar pelo título “Uma pedra a menos no caminho” percebe-se o uso da intertextualidade implícita fazendo com que o leitor remeta a famosa frase do poema “No meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade que diz: “No meio do caminho tinha uma pedra”. Nota-se, assim, que o Aluno A realizou uma paródia mantendo o sentido semântico da palavra pedra que implica ser um obstáculo e no vocábulo caminho que faz alusão ao percurso de vida do indivíduo.

Assim, elenca-se que o título da redação, em análise, já faz o leitor pensar que o sentido do texto discorrerá sobre a eliminação de algum obstáculo do caminho de algo ou alguém. Nesse caso, então, trata-se da abolição da pedra de *crack* do caminho da sociedade brasileira. Segundo Marcuschi (2008) uma intertextualidade bem construída oferece ao leitor um texto permeado de coerência fazendo com que o indivíduo já perceba de antemão o sentido que tomará o enunciado.

Nessa menção, também no decorrer do texto percebem-se outras manifestações da intertextualidade implícita da paráfrase, pois o conteúdo exposto nos parágrafos do texto dá a entender que ocorre uma interpretação de enunciados comuns ao cotidiano da população. Em livros, palestras, na escola e, principalmente, na mídia, é possível encontrar, porém com outras palavras, assertivas análogas as que o Aluno A utilizou para explicar o porquê de haver uma “pedra a menos no caminho”.

Conforme, Rebello (2009) as paráfrases são constantes na vida dos indivíduos seja realizada de forma oral ou escrita sempre estamos reexplicando o pensamento de algo ou alguém e isso ocorre, inclusive, sem que percebessem, pois, de fato, já é uma constante na vida dos indivíduos.

Assim, a título de exemplificação, podemos citar o último parágrafo da redação no qual o Aluno A explica que se o governo investisse mais em educação, se houvesse mais instituições gratuitas para tratar o vício dos dependentes químicos seria uma das maneiras de diminuir o problema do crack e assim poderia ser possível avançar na pacificação do país. Aqui temos um discurso que circula constantemente nos mais diferentes meios de comunicação, especialmente no que diz respeito à falta de investimento na educação brasileira que leva a uma série de problemas, o uso de drogas seria um deles.

Assim, diariamente, os meios de comunicação discutem essas medidas que podem até não ser a solução, mas podem agir como uma grande ação paliativa, por isso, então, que o pensamento do Aluno A não é esdrúxulo a compreensão de

sentido do leitor tendo em vista que este compartilha de grande parte das informações expostas pelo Aluno A.

Nesse sentido, então, enfatiza-se que se a redação analisada utiliza-se fortemente da intertextualidade para construir o sentido/coerência textual lógica e convivente para o leitor. Embora, haja falhas na estrutura da referida produção textual como parágrafos desalinhados, alguns erros de pontuação e ortográfica crê-se que a coerência não foi abalada e que a intertextualidade contribui bastante para que esse fator de textualidade seja mantido.

Na sequência da discussão dos dados, agora, apresenta-se a segunda produção realizada pelo Aluno B:

FOLHA DE REDAÇÃO

TÍTULO	
01	<i>o mal do século</i>
02	<i>Hoje em dia um assunto bem polé-</i>
03	<i>mico e muito comentado por se</i>
04	<i>a facilidade de se encontrar desmuni-</i>
05	<i>ções, nem ou não nem interessa</i>
06	<i>contra sua vontade.</i>
07	<i>Seu olhar-mor bem ao mesmo</i>
08	<i>que nem uma pessoa que precisa</i>
09	<i>de ajuda para manter sua</i>
10	<i>vida normal nem precisa</i>
11	<i>de ajuda para manter sua</i>
12	<i>vida normal nem precisa</i>
13	<i>de ajuda para manter sua</i>
14	<i>vida normal nem precisa</i>
15	<i>de ajuda para manter sua</i>
16	<i>vida normal nem precisa</i>
17	<i>de ajuda para manter sua</i>
18	<i>vida normal nem precisa</i>
19	<i>de ajuda para manter sua</i>
20	<i>vida normal nem precisa</i>
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Assinatura do Aluno

A redação acima apresenta o título mais sugestivo e utilizado em vários contextos sociais, históricos, filosóficos e literários do mundo inteiro. Então, pode-se afirmar que este enunciado corresponde a ser a intertextualidade explícita por meio da referência. Sendo assim, explica-se que a expressão “mal do século” implica ser um acontecimento generalizado que afeta negativamente uma sociedade.

Como já se sabe, a referida expressão passou a ser utilizada na Idade Média entre os séculos V a XV quando a peste negra começou a dizimar, em peso, a população europeia. O descontrole da doença foi tão grande que levou a ser chamada de mal de século por ser, praticamente, impossível de ser combatida. Logo depois, a tuberculose e a hanseníase, conhecida pejorativamente por lepra, também foram consideradas mal do século.

Especificamente no Brasil, mas inspirados na vida do britânico *Lord Byron*, a boemia, melancolia, a vida desregrada também foi chamada de mal do século pelos poetas ultrarromânticos da segunda fase do romantismo em poesia no país. E atualmente, a depressão e as drogas são consideradas o mais novo mal do século por, até o momento, não conseguirem ser combatidas e eliminadas da vida dos indivíduos e da sociedade (SARMENTO; TUFANO, 2004).

Sendo assim, o sentido do título da referida redação já denota para o leitor que se trata um problema sério, genérico e não erradicado da sociedade e tudo isso se aplica ao uso das drogas ultimamente. Na sequência, o Aluno B discorre que este é um assunto polêmico e bastante debatido, principalmente, quando se refere a internação voluntária ou obrigatória dos dependentes químicos.

Sobre esse assunto, sabe-se que há uma imensidão de estudos, pesquisas e debates, pois devido à complexidade elevada que é combater o avanço das drogas, no país, há constatações que afirmam que a internação obrigatória seria uma das soluções para conter o avanço do “mal do século”. Por isso, então, percebe-se que a intertextualidade para ocorrência do sentido textual/coerência ocorre aqui por meio do conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico que o indivíduo constrói ao longo do nosso desenvolver na sociedade.

Sendo assim, Fávero (2003) explica que o nosso conhecimento de mundo alcançado pelas vivências, leituras e demais apropriações intelectuais faz com que sejamos seres capazes de construir novos sentidos textuais, sem necessariamente, ter outro texto em mãos para se basear e isso revela que a intertextualidade proporciona ao escritor criar infinitos sentidos sobre um assunto.

Entretanto, enfatiza-se que a estrutura da redação, em análise, bem como a caligrafia, os erros de acentuação, pontuação e falhas na coesão dificultam que a compreensão do sentido coerente do referido texto dissertativo-argumentativo seja efetivada. Pois, mesmo que a temática abordada possua um título bastante atraente e intertextual que induz o leitor a perceber que o sentido do texto ser forte, as falhas neles o deixam incompleto de função social. Ou seja, por meio deste, torna-se impossível estabelecer a ocorrência comunicativa que todo texto necessita.

Agora segue a terceira redação a ser analisada. Esta foi produzida pelo Aluno

C:

FOLHA DE REDAÇÃO

TÍTULO	
01	As drogas acabam com a família
02	As drogas fazem parte da nossa realidade e faz com que muitos
03	na maioria da toda instante nos utilizamos pessoas dependentes
04	de alguma droga. Sua finalidade é de proporcionar sensações
05	"diferentes".
06	Há pessoas como jovens e adolescentes que usam a primeira
07	vez só para experimentar e acabam viciados nelas e
08	fazem o uso de drogas constantemente.
09	Recebem para usar, assim, até mesmo quando não têm
10	dinheiro para comprar durante sua família viciada e usam sobre
11	o que faz.
12	É muito difícil lidar com dependentes químicos pois possuem
13	dupla personalidade quando estão com o uso e muito depen-
14	dente de que quando estão usando.
15	A família fica destruída quando fica sabendo que seu
16	parente usa drogas tentam de toda feita que ele não volte
17	o usar mais.
18	Se houvesse mais laços para as pessoas se divertirem com
19	esperanças de não pensarem em coisas erradas mas como
20	não têm nada para eles fazem isso e depois fazem
21	de coisas erradas.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

Assinatura do Aluno

O título desta redação pode ser considerado como intertextualidade realizada pelo advento do conhecimento de mundo ou enciclopédico, pois é de saber generalizado de todos, em sociedade, que a drogas não acabam apenas com o usuário, mas com toda a família deste. Sendo assim, o título do texto já faz referência que o sentido da referida produção textual visa dispor sobre a consequência do uso de drogas para a família do dependente químico.

Nesse sentido, então, o conteúdo do texto, em questão, lembra as considerações de Tiba (1998) no seu livro “Quem ama Educa”, onde o autor explica que a educação é a solução para as mazelas sociais que afetam direta e indiretamente toda a sociedade. Além disso, o ato de realizar outras medidas socioeducativas como atividades de lazer e etc. pode acabar por contribuir para modificação da rotina dos usuários de drogas e é justamente isso que o Aluno C realiza em sua produção textual.

A partir do explicado pode-se dizer que para construir a coerência da redação, em análise, a estudante explica com outras palavras o conhecimento absorvido em livros e demais fontes de informação que dissertam sobre os malefícios da droga para a família do dependente. Aqui, foi realizada uma paráfrase, pois percebe-se pelo conteúdo exposto na dissertação-argumentativa, em questão, que as assertivas destacadas são reinterpretadas de outras situações como, por exemplo, das reportagens e demais discussões acerca do assunto, realizado na mídia.

Sendo assim, enfatiza-se que o texto analisado, assim como os demais, apresenta intertextualidade como fato de coerência e se comparada as duas redações anteriores, esta é a que possui menos quantidade de erros na estrutura do texto, porém, muito embora, ainda como as outras, apresentem erros de acentuação, ortografia e etc.

Nesse sentido, então, lembra-se do pensamento parafraseado de Santos (2010) ao enfatizar que utilização correta da gramática contribui relevantemente para a produção e compreensão do sentido textual que se almeja realizar numa redação. Mesmo o leitor compreendendo o estabelecimento da coerência existente no texto, apesar dos erros estruturais nele evidenciados, deve-se evitar ao máximo as falhas, pois nem todos os leitores conseguem inferir o significado dos vocábulos quando estes estão expostos de maneira não condizente com a gramática normativa.

Diante do exposto, então, considera-se que os erros de ortografia, acentuação e pontuação existentes não só nesta redação, mas nas outras aqui

analisadas contribuem para a não satisfação plena da textualidade das redações dissertativo-argumentativas, aqui, apresentadas. Pois, embora haja a constatação da intertextualidade como fator de coerência em tais produções, deve-se destacar que os erros de grafia e etc. não representam uma característica positiva para tais produções textuais tendo em vista que problemas, como os de pontuação, por exemplo, interferem diretamente na construção dos sentidos.

Por fim, agora discute-se a quarta e última redação feita pelo Aluno D:

FOLHA DE REDAÇÃO

TÍTULO	
	Drogas
01	O exemplo mais conhecido sobre isso, mais com as famílias, dentro
02	de casas, tirando a parte dos pais, que muitas vezes são um novo filho
03	no mundo das drogas, também tem muitos pais que não tem mais
04	gratos, mas também ocorre com adultos que já tem família formada, e
05	que acaba ficando com que os filhos, sempre se identificam e saiam
06	de casa, e assim se independem, se eles quiserem, mas um que precisa
07	de tudo aquilo que se precisa mais, então no mundo das drogas:
08	É preciso que se reconheça que a totalidade dos pais que se auto-
09	riam para se manter independente no mundo das drogas, não
10	Muitas vezes eles querem pagar alguma coisa, mas não tem meios de pagar
11	isso, e assim se torna independente, mas também muitos pais que fi-
12	cam excluídos da sociedade.
13	As pessoas jovens que não são parte mais, então quando
14	se encontram em uma situação de crise, não conseguem mais se manter
15	para pagar e se conscientizar que isso pode acontecer com algum parente
16	de vocês, e de modo que não seja esse o destino de vocês.
17	Alguns pais também precisam de um bom exemplo, com educação e a
18	quidam, então precisam que não tem culpa de ter sido assim, então que
19	seja conhecido, então precisam de um bom exemplo.
20	Alguns experimentam por influência de um amigo para saber se
21	é bom ou ruim, que não tem controle que não usam drogas, algumas vezes
22	é um pouco tempo, então independentes.
23	Para se libertar e precisar ter força de vontade e procurar uma
24	clínica, se internar e seguir o tratamento, muitos conseguem mais
25	então no primeiro momento, então se internam.
26	
27	
28	
29	
30	

Assinatura do Aluno

A redação acima apresenta o mesmo título da temática exigida para que o Aluno D produza um texto sobre “Drogas” então esta intertextualidade diz respeito a uma citação direta, pois utiliza a mesma palavra dada como base para o estudante produzir o referido texto. Segundo Koch (2007) a citação é uma forma de intertextualidade explícita onde expõe o mesmo pensamento, palavra ou expressão de forma direta ou indireta em uma dada produção independentemente de ser escrita, oral e etc.

Sendo assim, diante do título constatado, presume-se que a redação visa dissertar e argumentar sobre as drogas na sociedade e conseqüentemente suas afetações no cotidiano do usuário e da família. Ao término do segundo parágrafo nota-se que o aluno faz alusão ao estigma de “drogado” presente na sociedade e que é veiculado pela produção midiática que cria um estereótipo de usuário de drogas relacionado à pobreza, violência e marginalidade. Assim, o “drogado” é alguém que representa um potencial perigo à sociedade por fazer uso de uma substância ilícita, proibida.

A aluna ao afirmar “drogados são apenas marginais que ficam excluídos da sociedade” revela uma intertextualidade implícita que se constata a partir da imagem do usuário de drogas que é veiculada pelos meios de comunicação. O tipo de intertextualidade ocorre por meio da estilização, que como vimos em Rebello (2009) caracteriza-se também pela reprodução de conteúdos e de características do discurso de outrem.

Pelo analisado, infere-se que a redação utiliza para construção do sentido/coerência textual a intertextualidade do conhecimento enciclopédico que possuímos por meio de nossas vivências, experiências, estudos e demais relações sociais com nossos semelhantes que acabam por enriquecer nosso cognitivo para criar textos enriquecidos de sentidos a partir de outros saberes absorvidos.

Ademais, elucida-se que a estrutura da redação está comprometida, assim como a caligrafia que dificulta eficazmente de compreender o sentido do texto, a desordem dos parágrafos, assim como dos períodos compromete a sequência lógica das frases.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos aspectos apresentados e discutidos em todo este trabalho de conclusão de curso constata-se que a intertextualidade é utilizada, nas quatro redações dissertativo-argumentativas, aqui analisadas, como fator de coerência textual. Porém, destaca-se que esta intertextualidade não é plenamente encontrada em todas as partes do texto, mas em partes avulsas como nos títulos e em alguns parágrafos que quando complementados com o pensamento fidedigno dos autores constroem a coerência necessária para que o leitor tenha aceitabilidade do texto.

Foi notável a predominância da intertextualidade implícita nas redações analisadas, o que pode nos revelar uma pouca habilidade dos alunos em fazer uso de referências explícitas e conscientes no texto, isso pode ser originado pela falta do hábito de leitura dos mais variados tipos de textos, já que a intertextualidade implícita pode ocorrer de forma não proposital, como foi possível verificar nas redações em análise.

Também não se pode deixar de enfatizar que as quatro redações dissertativo-argumentativas apresentam ruídos na escrita como, por exemplo, erros de ortografia, acentuação, pontuação, caligrafia, sintaxe, que limitou a análise da intertextualidade como fator de coerência.

Menções à parte acreditam-se ter respondido ao problema de pesquisa norteador deste estudo e alcançado tanto o objetivo geral quanto os específicos, aqui, propostos para constituição plena deste trabalho de conclusão de curso.

Por tudo isso, então, espera-se que esta monografia tem contribuído para a compreensão e utilização da intertextualidade como fator de coerência em redações dissertativo-argumentativas que, são, atualmente, as mais requisitadas na sociedade para se conseguir emprego, for aprovado em concursos públicos e etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli.; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Revista Paideia**, Ribeirão Preto-SP, n.2, p. 61-69, 1992.

ABAURRE, Luiza .; ABAURRE, Maria.; PONTARA, Marcela. **Gramática**: texto: análise e construção de sentido. São Paulo: Moderna, 2008.

BAGNO, Marco. **Língua Materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Anna Christina (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 245 – 288.

BONIFÁCIO, Carla Alecsandra de Melo.; Maciel, João Wandemberg Gonçalves. **Linguística Textual**, 2012. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/linguastica_textual_1360183766.pdf>. Último acesso em: 03 nov. 2015.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria Nacional de Educação. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

CITELLI, Adilson. **O texto argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994.

CORREA, Maria Helena; LUFT, Celso P. **A palavra é sua**. v. 5ª a 8ª série. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2000.

COSTA, Renata. **A coerência textual**, 2010. Disponível em: <<http://pedagogiasomosreferencial.blogspot.com.br/2010/04/resumo-do-livro-coerencia-textual-de.html>> Último acesso em: 30 nov. 2015

DCL. **Redação prática**. São Paulo: DCL, 2010.

FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e Dialogismo. In: BARROS, Diana.; FIORIN, José Luiz (org.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003. p. 50.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana.; FIORIN, José Luiz (org.) **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003. p. 30-31.

FRANCÊS, Celso. **O gênero textual redação escolar, 2015**. Anais do II Colóquio de Letras da FALE/CUMB, Breves-PA, 4, 5 e 6 de fevereiro de 2015. ISSN 2358-113.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987

KOCH, Ingedore Villaça.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed., 10ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **O Texto e a Construção dos sentidos**. 9ª ed. São Paulo; Contexto. 2010.

_____. **A Coesão Textual**. 21ª ed. São Paulo; Contexto, 2009.

_____.; FÁVERO, Leonor Lopes. **Linguística Textual: uma introdução**. 3ª ed. São Paulo; Cortez, 2009.

_____.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 17ª ed. São Paulo; Contexto, 2009.

_____. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade.; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATIAS, Maciel. **Tipos e mecanismos de coesão textual**. São Paulo-SP, power point, 2012. 6 slides: color; 25, 4 x 19, 05 cm.

OLIVEIRA, Mariana Inácio de.; PUGLIESE, Vanessa de Vasconcelos. **A coesão sequencial**, 2015. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/resumos/acoesaosequencial.htm>> Último acesso em: 30 nov. 2015.

PIMENTEL, Maria do Carmo Monteiro Ramos. **Uma análise de textos de especialidade da área do desporto na perspectiva da linguística de texto**. 2007. 158p. Dissertação (Mestrado em Estudos Alemães) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal, 2007. Disponível em: < <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14656/2/tesemestanalisedetextos000075164.pdf>>. Último acesso em: Último acesso em: 03 nov. 2015

REBELLO, Ivone da Silva. Intertextualidade e paródia a partir de textos literários. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro-RJ, v. 8, nº 04, Anais do XIII CNLF, 2009.

RODRIGUES, Maria Goreth Lima. Apropriação do gênero textual redação escolar como objeto de ensino. Revista **Formação de Professores: Ensino, Pesquisa, Teoria, Breves-PA**, v. 4, n. 5, p. 294-304, 2015. ISSN 2358-1131

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de caso. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005

SANTOS, Gerson Tenório dos. **Coerência Textual**, 2010. Disponível em: < http://www.ead.unicastelo.br/arquivos_moodle/cursos.100/lpo/conteudo/lin_por_40h_tema3.pdf>. Último acesso em: Último acesso em: 30 nov. 2015

SARMENTO, Leila Lauer.; TUFANO, Douglas. **Português**: literatura, gramática, produção de texto. Volume Único. São Paulo: Moderna, 2004.

SENA, M. F. P. **Intertextualidade em textos dissertativos-argumentativos**, 2015.

STRACCIA, Carlos. **Coesão e coerência textuais**, 2000. Disponível em: < <https://www.google.com.br/#q=Coes%C3%A3o+e+coer%C3%Aancia+textuais+carlo+s+straccia>> Último acesso em: 30 nov. 2015

TIBA, Içami. **Quem ama educa**. São Paulo: Editora Gente, 1998.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. In: **Em Questão**. Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan./jun. 2003.

APÊNDICE A – TERMO DE CONCESSÃO LIVRE E ESCLARECIDO ASSINADO PELOS ALUNOS

Eu _____
aluno (a) do 3º ano A do ensino médio da Unidade Escolar Mário Martins, localizada na cidade de Picos-PI, permito que minha redação dissertativo-argumentativa seja analisada pela pesquisadora e acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Edinara Jaine Feitosa de Sousa sob orientação da Professora Luciana Maria de Aquino.

Picos (PI), 24 de junho de 2015.

Assinatura do aluno



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (x) Monografia
 () Artigo

Eu, Edinara Jane Furtosa de Sousa,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A intertextualidade como fator de coesão em
produções textuais dissertativas-argumentativas
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 04 de maio de 2016.

Edinara Jane Furtosa de Sousa.
 Assinatura

Edinara Jane Furtosa de Sousa.
 Assinatura